

# UMA LEITURA DE *CONTOS INFANTIS* (1886), DE ADELINA LOPES VIEIRA E JULIA LOPES DE ALMEIDA<sup>1</sup>

Cleila de Fátima Siqueira STANISLAVSKÍ<sup>2</sup>

## RESUMO

Com o objetivo de contribuir para a compreensão de um importante momento da história da literatura infantil brasileira e para o desenvolvimento de pesquisas correlatas, apresenta-se, neste artigo, uma leitura de *Contos Infantis* (1886), de Adelina Lopes Vieira e Julia Lopes de Almeida. Mediante procedimentos de reunião, seleção e leitura de fontes documentais relativas à produção *de e sobre* as autoras e de bibliografia especializada sobre literatura infantil, optou-se pela análise da configuração textual do livro em questão. Essa análise permitiu concluir que o livro pode ser considerado como representativo do momento inicial do processo de formação da literatura infantil em nosso país, uma vez que contém uma mescla de características da literatura escolar, com finalidades didático-pedagógicas de formação da criança, e da literatura infantil, propriamente dita, com finalidades de deleitar e estimular a imaginação da criança, além de características que indicam tentativa de produção de uma literatura destinada às crianças brasileiras e produzida por brasileiros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura infantil brasileira; História da literatura infantil; Contos infantis; Ensino da leitura; Pesquisa histórica em educação.

Como vivemos em uma sociedade letrada, a leitura é parte fundamental do trabalho do professor, assim como do processo de ensino-aprendizagem que ocorre em situação escolar. Dentre todos os tipos de texto que devem fazer parte desse trabalho escolar, os de literatura infantil desempenham uma função importante na formação dos alunos e devem ocupar um espaço privilegiado no processo de ensino-aprendizagem, conforme vêm apontando, já há várias décadas, estudiosos e pesquisadores envolvidos com esse gênero e com o campo de conhecimento correspondente.

---

<sup>1</sup> Artigo resultante de Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia (2001), orientado pela professora Dra. Maria do Rosário Longo Mortatti.

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia, pela FFC-UNESP-Marília, em 2001; membro do Grupo de Pesquisa “História do ensino de língua e literatura no Brasil” e da Equipe Executora do Projeto Integrado de Pesquisa “Ensino de língua e literatura no Brasil: repertório documental republicano” (Apoio CNPq e Auxílio FAPESP); Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP, CEP 17525-900, Marília, São Paulo - Brasil.

Baseando-me nas questões e problemas propostos na bibliografia especializada sobre o tema e em pesquisa documental que desenvolvi relativamente à produção *de e sobre* Adelina Lopes Vieira e Julia Lopes de Almeida, optei, então, por analisar a configuração textual do livro *Contos Infantis*, publicado em 1886 e escrito por essas duas autoras.

Esse tipo de análise consiste em considerar todos os aspectos inter-relacionados que constituem o sentido de um texto e que permitem “[...] ao investigador reconhecê-lo e interrogá-lo como objeto singular e vigoroso e dele produzir uma leitura possível e autorizada, a partir de seus objetivos, necessidades e interesses.” (MORTATTI, 2000a, p. 31). Tais aspectos referem-se:

[...] às opções temático-conteudísticas (o quê?) e estruturais-formais (como?), projetadas por um determinado sujeito (quem?) que se apresenta como autor de um discurso produzido de determinado ponto de vista e lugar social (de onde?) e momento histórico (quando?), movido por certas necessidades (por quê?) e propósitos (para quê?), visando a determinado efeito em determinado tipo de leitor (para quem?) logrando determinado tipo de circulação, utilização e repercussão [ao longo da trajetória editorial da obra]. (MORTATTI, 2000a, p. 31).

Os resultados da análise dos aspectos constitutivos da configuração textual de *Contos infantis* permitiram considerá-lo como representativo daquele momento inicial do processo de formação da literatura infantil brasileira, uma vez que nele se encontra uma mescla de características da literatura escolar, com finalidades didático-pedagógicas de formação da criança em situação escolar, e da literatura infantil, propriamente dita, com finalidades de deleitar e estimular a imaginação da criança, além de características que indicam tentativa de produção de uma literatura infantil produzida por brasileiros e destinada às crianças brasileiras.

## **ALGUNS ESTUDOS SOBRE LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA**

Em nosso país, o reconhecimento da função e importância da literatura infantil é relativamente recente, assim como o próprio processo de produção de livros para esse público leitor e de estudos e pesquisas sobre o gênero, os quais poderiam auxiliar

professores na seleção e utilização da literatura infantil na escola. Dentre os estudos e pesquisas que constituem uma bibliografia especializada sobre literatura infantil brasileira, em função dos objetivos deste artigo, selecionei os sintetizados a seguir, de acordo com a ordem cronológica de publicação de suas primeiras edições.<sup>3</sup>

Para o educador Manoel Bergström Lourenço Filho (1943), desde os tempos mais remotos existia literatura infantil na forma da tradição oral, embora não fosse assim denominada como. Na Europa, essas fontes da literatura infantil foram-se disseminando acentuadamente, e delas foram-se originando textos de literatura escrita mais adequada às crianças. Porém, somente no século XVII francês, com Perrault (*Contes de ma Mère L'Oye*) e Madame D'Áulnoy (*Les Contes de Fées*), é que começam a ser escritos textos intencionalmente para crianças assim como traduções e adaptações de muitos livros de diferentes autores e idiomas. Em 1744, o movimento editorial começa a tornar-se significativo nos países de língua inglesa, e surgem, também, livros para leitura nas escolas assim como livros para as crianças, que apresentam um caráter artístico.

No Brasil, ainda segundo esse educador, a primeira obra intencionalmente escrita e editada para a recreação das crianças foi publicada em 1894, com o título de *Contos da Carochinha*, de Artur de Azevedo, e, por essa época, também começam a ser publicadas traduções e adaptações de livros de autores estrangeiros destinados às crianças, com função didática. Em 1921, com a publicação de *Narizinho Arrebitado*, de Monteiro Lobato, tem-se o marco inicial da constituição de uma literatura infantil brasileira, de fato.

No livro *Problemas da literatura infantil*, publicado em 1951 como resultado de conferências para professores de Belo Horizonte/MG, a poeta e educadora Cecília Meireles (1979)<sup>4</sup> aponta que os livros para aprender a ler, os livros de diferentes disciplinas escolares, os “livros-texto” e a literatura oral que foi difundida em forma de lendas, histórias, fábulas, canções, adivinhações e provérbios também fazem parte do que se pode denominar de “literatura”; contudo, a dificuldade está em delimitar o que é a literatura infantil, pois, segundo Meireles (1979, p. 19), são as crianças, na verdade, que, acabam

---

<sup>3</sup> A seleção desses estudos baseou-se em Mortatti (2001).

<sup>4</sup> Para a elaboração da síntese desse livro, utilizei um exemplar da 2. edição, de 1979.

fazendo essa delimitação, com a sua preferência; ‘não haveria, pois, uma literatura infantil *‘a priori’*, mas *‘a posteriori’*”.

Para o historiador e escritor Leonardo Arroyo (1968), a necessidade de leituras destinadas às crianças, sejam elas educativas, didáticas, informativas ou recreativas, é muito recente, datando dos fins do século XVII, quando, principalmente nos países europeus, procurou-se diversificar as tradicionais leituras de livros com histórias de santos e das sagradas escrituras, a fim de proporcionar uma leitura adequada à idade e interesses intelectuais da infância.

O conceito de literatura infantil, segundo Arroyo, varia muito no espaço e no tempo e tem ligações com a escola. No caso brasileiro, especialmente a partir da proclamação da República, o desenvolvimento da instrução pública, a criação de escolas primárias e de formação de professores e o uso de livros-texto na atividade didática, todos esses fatores possibilitaram condições para o surgimento de uma ‘literatura escolar’, constituída de livros traduzidos e/ou produzidos por brasileiros, dedicados à infância, no entanto, para o uso vinculado à escola, com finalidade de ensinar valores morais e sociais, de forma agradável. Ainda segundo o autor, é dessa ‘literatura escolar’ que se origina a literatura infantil brasileira, a qual se desenvolve e se consolida como gênero literário a partir da produção de Monteiro Lobato, nos anos de 1920 e seguintes.

Após Lobato, outros escritores brasileiros se dedicaram à produção de textos do gênero, mas, segundo outros estudiosos do tema — como, por exemplo, Lajolo e Zilberman (1999) e Magnani (1998) — é somente a partir dos anos de 1970 que se tem, em nosso país, o início de uma produção em massa de livros para crianças e jovens, e, ainda, é a partir dessa década que há um aumento de número de pesquisas e estudos acadêmicos sobre literatura infantil e juvenil .

Para as pesquisadoras Lajolo e Zilberman (1999), as primeiras obras de literatura infantil européia apareceram na primeira metade do século XVIII, que foi assinalado pela industrialização e pelo surgimento de novas concepções de família, criança e escola. Com isso, surgem livros que deixam transparecer como o adulto quer que as crianças vejam o mundo. No século XIX, surgem os contos de fadas, e começa a definição dos livros que agradam mais às crianças, confirmando a literatura infantil como parcela significativa da produção literária.

No Brasil, ainda de acordo com essas autoras, a literatura infantil tem início no século XIX com a mudança do regime monárquico para o republicano, com a crescente urbanização e com o aparecimento e implantação da imprensa editorial de livros. As primeiras obras do gênero eram traduzidas ou adaptadas de obras estrangeiras, modeladas à imagem nacional, como a natureza, os costumes, a língua, a pátria e a sociedade brasileira, e destinadas ao uso nas escolas. Somente no início do século XX surgem autores nacionais de literatura infantil, a partir da produção de Monteiro Lobato e outros autores, como Viriato Correia e Thales de Andrade, que, nas décadas de 1930, 1940 e 1950, revelam tendências regionalistas, nacionalistas e rurais com ênfase na tradição oral e popular, indicando, ainda, uma integração entre a escola e a literatura. Nas décadas de 1940 e 1960, houve um grande crescimento tanto na produção de literatura infantil, devido ao aumento do mercado consumidor, quanto na dinamização da produção e circulação de livros, processos que se aceleraram nos anos de 1970, quando se multiplicaram as instituições e programas de discussão da literatura infantil e houve um grande crescimento do gênero com ênfase nos temas e problemas de uma sociedade urbanizada e moderna.

Apesar das diferenças de ponto de vista, especialmente no que se refere à abordagem do tema, os estudos acima sintetizados apresentam, como semelhanças, questões e problemas recorrentemente apontados na bibliografia especializada sobre literatura infantil e que interessam diretamente aos que se propõem a desenvolver estudos e pesquisas nesse campo de conhecimento. Dentre essas questões e problemas, destaco os que remetem à necessidade de estudos que analisem livros de literatura infantil — sobretudo os produzidos na fase considerada por Arroyo (1968) de formação do gênero em nosso país, como é o caso do livro cuja configuração textual é analisada neste artigo —, a fim de contribuir para melhor compreensão de aspectos da história da literatura infantil brasileira assim como para a produção de uma teoria e crítica específicas do gênero.

#### ASPECTOS DA VIDA E DA OBRA DAS AUTORAS<sup>5</sup>

ADELINA AMÉLIA LOPES VIEIRA nasceu em Lisboa, Portugal, em 20 de setembro de 1850, e veio para o Brasil com os pais, quando tinha pouco mais de um ano. Formou-se professora pela Escola Normal do Rio de Janeiro, foi professora da 2ª cadeira de meninas da freguesia do Espírito Santo e também se dedicou à literatura. Segundo

---

<sup>5</sup> Para a elaboração deste tópico, baseei-me, especialmente, nas informações contidas em Menezes (1969) e Coelho (1995).

Menezes (1969b), foi casada com um diretor de colégio em Friburgo, no Rio de Janeiro; segundo Sacramento Blake (1899), porém, foi esposa de um empregado de fazenda com o nome de Antonio Arnaldo Vieira da Costa. A autora faleceu em data ignorada.

Escreveu livros de poemas para adultos, livros para crianças e peças de teatro, além de ter sido tradutora e colaboradora em jornais e revistas brasileiras, dentre os quais o jornal *O Tempo*, que defendia a política do presidente Floriano Peixoto.

Suas composições poéticas foram: *Saudade de palmeiras e No echo das damas*, publicados no Rio de Janeiro, em 1879; *O primeiro peccado de Margarida*, tradução de uma *ballata* de Henry Murger; *Estella matutina*, publicado no *Novo almanaque luzo-brazileiro*, no ano de 1880; *As duas estrellas*, poesia em oitava rima, publicada no *Almanaque das senhoras para o ano de 1882*, em Lisboa; e *Pombal*, poemeto publicado no Rio de Janeiro em 1882, o qual a autora mandou imprimir e o ofereceu ao “Club Litterario Portuguez”, para aplicar os benefícios das vendas em suas aulas (MENEZES, 1969b).

Em prosa, escreveu: *Margaritas*, livro publicado no Rio de Janeiro em 1879; e *Destinos*, conto publicado em 1900. Quanto às peças de teatro, escreveu *A viagem de Murilo*, drama em verso, *As duas doses*, drama, e *Expição*, drama em 3 atos e 1 prólogo. Em 1907, traduziu *A terrina*, comédia em um ato, de Ernesto Hervelly.

Escreveu, ainda, *Contos Infantis*, em 1886, em parceria com sua irmã, Julia Lopes de Almeida.

JULIA VALENTINA DA SILVEIRA LOPES DE ALMEIDA nasceu no Rio de Janeiro, em 24 de setembro de 1862. Até o momento, não foi possível localizar informações sobre sua formação, mas sabe-se que viveu parte de sua infância em Campinas, na província de São Paulo, e dedicou-se às letras, pois, desde menina, mostrava inclinação por literatura, o que, em se tratando de mulheres, não era algo bem visto pela sociedade da época (MENEZES, 1969a).

Casou-se em 28 de novembro de 1887 com Filinto de Almeida e teve três filhos: Afonso Lopes de Almeida, Albano Lopes de Almeida e Margarida Lopes de Almeida. Faleceu no Rio de Janeiro, em 30 de maio de 1934.

Escreveu romances, contos, crônicas, artigos de jornal e narrativas infantis. Começou sua carreira literária publicando vários folhetins e contos em *A Gazeta de*

*Campinas*, tendo publicado, ao longo de sua vida, mais de 40 títulos. (COELHO, 1995, p. 43).

Seu primeiro livro — *Traços e Iluminuras* — foi publicado em Lisboa no ano de 1886. Nesse mesmo ano publicou *Contos Infantis*, em parceria com sua irmã, Adelina Lopes Vieira; e, em 1907, publicou *Histórias da nossa terra*, livro que, segundo Coelho (1995, p. 43), indica uma preocupação nacionalista, pertinente à época, utilizando como matéria fatos da história do Brasil e difundindo o ideal de civilização. Conforme Coelho (1995, p. 43), alguns dos títulos dos textos contidos nesse último livro demonstram essa preocupação nacionalista, como é o caso de “A Nossa Bandeira”, “A Nossa Língua”, “Um Mártir” e “Amor à Pátria”

Escreveu, ainda, os seguintes romances: *A família Medeiros*, publicado em Campinas, no ano de 1892, com 2ª edição provavelmente em 1895; *A viúva Simões*, publicado em Lisboa, no ano de 1897, e no Rio de Janeiro, na *Gazeta de Notícias*, em 1895; *Livro das noivas*, publicado no Rio de Janeiro, em 1896; *O caso de Ruth*, publicado no *Almanak da Gazeta de Notícias* para 1897; *Memórias de Marta*, em 1889; *A falencia*, em 1902; *Ânsia Eterna*, em 1903; *A intrusa*, em 1908; *Eles e Elas*, em 1910; *Cruel Amor*, em 1911; *Correio da Roça*, em 1913; *A Silveirinha*, em 1914. Seu último romance foi *A Casa Verde*, escrito em colaboração com Filinto de Almeida e publicado em 1932.

Teve também publicados livros de contos: *Era uma vez*, em 1917, *A isca*, em 1922, e *Pássaro tonto*, em 1934; e de comédia: *Quem não perdoa*, em 1912.

Em 1898, teve publicados no *Almanak da Gazeta de Notícias*, os artigos: “A cara della” e “As rosas”.

Quanto à produção *sobre* a vida e obra das autoras em questão, até o momento, não pude localizar estudos críticos de maior fôlego. Nos dicionários de Menezes (1969a) e Coelho (1995), encontram-se alguns comentários sobre Julia Lopes de Almeida e sua obra, os quais permitem compreender melhor o lugar dessa escritora na literatura brasileira de sua época; quanto a Adelina Lopes Vieira, não foi encontrado nenhum comentário nos dois dicionários mencionados, nem em outros textos consultados.

Segundo Coelho (1995, p. 43), Julia Lopes de Almeida teve uma carreira muito vasta, como se pode observar pelos vários romances, contos, crônicas, artigos de jornal e narrativas infantis que publicou e que constituem “um retrato de sua época”, tendo -lhe valido notoriedade no seu tempo.

Segundo Menezes (1969a, p. 47), críticos literários renomados, como Lúcia Miguel-Pereira e José Veríssimo, consideram Julia Lopes de Almeida, ao lado de Coelho Neto, como autora de obra considerável e de nomeada nacional, depois da morte de Taunay, Machado de Assis e Aluisio de Azevedo. José Veríssimo (apud Menezes 1969a, p. 47) afirma: “sem desconhecer o grande engenho literário do Dr. Coelho Neto, eu, como romancista lhe prefiro de muito D. Julia Lopes.”

## O LIVRO

### Aspectos gerais

A primeira edição de *Contos Infantis* foi impressa em Lisboa, no ano de 1886, e destinava-se às escolas primárias brasileiras. Embora, até o momento, não tenha sido possível localizar informações mais precisas a respeito, presume-se que o livro tenha passado a ser publicado pela Editora Francisco Alves (RJ), a partir da 2ª edição; e, de acordo com informações das autoras, por decisão da Inspectoria Geral da Instrução Primaria e Secundaria da Capital Federal dos Estados-Unidos do Brasil<sup>6</sup>, de 14 de abril de 1891, o livro foi escolhido e aprovado para o uso das escolas primárias de nosso país. Em 1901 o livro já alcançava sua 4ª edição, tendo obtido “grande êxito entre os pequenos leitores brasileiros [...] Era um volume em prosa e verso, já de estilo leve e de temas mais ou menos apropriados, com o endereço certo do público infantil.” (ARROYO, 1968, p. 165).

Para análise neste estudo, utilizei um exemplar da 9ª edição, publicada, em 1913, pela Editora Francisco Alves (RJ), com formato 12 x 18 e 182 páginas.<sup>7</sup>

Na parte superior da capa estão os nomes das autoras; na parte central, em letras grandes, destaca-se o título do livro, ao que se segue: “Para o uso das escolas primarias do Brasil”. Na parte inferior da capa há duas colunas: a primeira contém o nome da editora — Francisco Alves & Cia — e os seus respectivos endereços nas cidades do Rio

---

<sup>6</sup> Nesta — assim como nas demais citações de títulos e trechos extraídos do livro *Contos Infantis* — será mantida a ortografia da época.

<sup>7</sup> Pela pesquisa desenvolvida até o momento, presume-se que, com exceção do prólogo acrescentado à 2.ª edição, todas as demais edições do livro não apresentam modificações comparativamente à 1ª edição.

de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte; na segunda coluna estão colocados os endereços, em Paris e Lisboa, da editora Aillaud, Alves & Cia.

Em seguida à capa, há duas páginas em branco, uma página com o título do livro e uma página com o nome das autoras, seus livros já publicados e os que estavam por ser publicados; logo após, tem-se a página de rosto, onde estão repetidos todos os dados da capa.

No exemplar analisado, após a página de rosto, tem-se: o prólogo à 2ª edição; um poema-dedicatória (sem título) aos sobrinhos das autoras; 58 contos, sendo apresentados, alternadamente, contos em verso e contos em prosa, todos numerados com algarismos romanos; e, ao final do livro, tem-se um índice disposto em duas páginas, no qual são indicados separadamente os contos em verso e os contos em prosa.

Para “maior aprazimento das crianças” (VIEIRA; ALMEIDA, 1913, p. 5), desde sua 2. edição o livro é ilustrado com 34 gravuras em preto e branco, sendo que alguns contos são acompanhados de duas ilustrações e outros, de nenhuma.

Ao final de todos os contos há um pequeno questionário, que, de acordo com as autoras, deveria constar de livros para o ensino elementar, conforme “prescrição da Inspectoria Geral da Instrução Primária e Secundária da Capital Federal dos Estados- Unidos do Brasil”. (VIEIRA; ALMEIDA, 1913, p. 5).

#### *As explicações das autoras*

No “Prólogo à 2. edição”, as autoras afirmam: “Os *Contos Infantis* são umas narrações singellas, em que procurámos fazer sentir aos pequeninos paixões boas, levando-os com amenidade de historia a historia”; e justificam com o seguinte objetivo: “[...] o fizemos como tactica subtil, para tornarmos animaes e flores comprehendidos e estimados pelas criancinhas.” (VIEIRA; ALMEIDA, 1913, p. 5).

Ainda segundo as autoras, os contos que compõem o livro são narrativas de fatos reais e simples para despertar interesse do leitor pelo texto, seja esse triste ou alegre: “Elle verá então com sympathia os que soffrem, affeiçoando -se assim á grande familia dos infelizes!” (VIEIRA; ALMEIDA, 1913, p. 6). Esperam, assim, ajudar, por meio da utilização de “frases bondosas”, a mudar o comportamento das crianças, sendo essa mudança sua recompensa e a certeza de que seus propósitos foram alcançados.

Ainda no prólogo, Vieira e Almeida (1913, p. 7) questionam os escritores dos livros destinados para a infância, ressaltando que estes não eram agradáveis, com histórias reais, “[...] livros sem relevo, sem aroma, e aos quaes está reservado direito de fallar em primeiro logar e ao que ha de mais subtil, de mais fino e delicado neste mundo, - á imaginação e ao coração das crianças!” Explicitam, assim, sua preocupação com o conteúdo dos livros então existentes e destinados às crianças, os quais consideravam que deveriam ser diferentes daqueles dos adultos, para que houvesse compreensão por parte dos pequenos leitores, ainda não amadurecidos na sua inteligência.

Acreditavam também as autoras em livros destinados somente às crianças, com histórias interessantes, reais, simples para o entendimento e com gravuras para chamar a atenção do pequeno leitor; e eram desfavoráveis aos que escreviam livros desinteressantes para as crianças porque não consideravam as características do público a quem se destinavam seus livros.

No prólogo, observa-se, ainda, uma preocupação das autoras com o reconhecimento dos livros escritos para crianças com ‘prescrições da Academia’, mostrando, assim, a necessidade de uma separação entre o que se escreve para adultos e o que se escreve para crianças.

No poema-dedicatória, Vieira e Almeida comparam seus sobrinhos a ‘anjos de paz’ e ‘ímaculados de beijos de casto amor’, dedicando -lhes os contos do livro para contentá-los, dar-lhes alegria e riso. As autoras informam que, como elas ainda não sabem ler, *Contos Infantis* deverá ser lido por suas mães na hora de as crianças dormirem.

Assim como no prólogo, onde enfatizam que o objetivo do livro é a educação moral e estética das crianças, também no poema-dedicatória as autoras afirmam que os contos são necessários para que seus sobrinhos sejam bons e amem a humanidade, mesmo sem saber ler: “[...] ouvindo-os vereis que nessa idade é facil entender [...]” (VIEIRA; ALMEIDA, 1913, p. 10).

## **Os contos em verso e prosa**

Dentre os 58 contos que integram o livro, 31 estão escritos em verso e 27, em prosa. Dentre os contos em verso, 14 são de autoria de Adelina Lopes Vieira e os 17

restantes são de autoria do escritor francês Luiz Ratisbonne, com tradução de Adelina Lopes Vieira; os contos em prosa são de autoria de Julia Lopes de Almeida. (Quadro 1)

<b>CONTOS EM VERSO DE ADELINA L. VIEIRA</b>	<b>CONTOS EM VERSO DE LUIZ RATISBONNE (Trad. A. L. Vieira)</b>	<b>CONTOS EM PROSA DE JULIA L. ALMEIDA</b>
<b>O Ferrabraz</b>	<b>O estudante e o bicho da seda</b>	<b>A leitura</b>
<b>Um heroe</b>	<b>O bem</b>	<b>O passarinho</b>
<b>Meiguice</b>	<b>Vingança</b>	<b>A rosa</b>
<b>O ninho da patativa</b>	<b>Muito Mais</b>	<b>Historia de um vintem</b>
<b>Ariel</b>	<b>Amor Supremo</b>	<b>O gago</b>
<b>D. Quixote</b>	<b>Os ingratos</b>	<b>O retrato da avó</b>
<b>Rubim</b>	<b>A boa companhia</b>	<b>Os morangos</b>
<b>O Natal</b>	<b>A borboleta</b>	<b>Biographia de uma aranha</b>
<b>O anjinho</b>	<b>As perguntas</b>	<b>O remendo</b>
<b>Amor de criação</b>	<b>Não se pede nada á mesa</b>	<b>A costureira</b>
<b>A velha</b>	<b>Deus faz tudo</b>	<b>O correio</b>
<b>O ramo verde</b>	<b>O oleo de ricino</b>	<b>A ingratidão</b>
<b>O vestido de Bertha</b>	<b>Theologia Infantil</b>	<b>A esmola</b>
<b>O dia de Natal</b>	<b>Os diamantes</b>	<b>Os sapatinhos azues</b>
	<b>A idade do pae</b>	<b>O palhaço</b>
	<b>O Padre-Nosso</b>	<b>As duas fadas</b>
	<b>Chuva e sol</b>	<b>D. Formiga</b>
		<b>As flores do pecegueiro</b>
		<b>Mimi ou a cabrinha cinzenta</b>
		<b>O Faisca</b>
		<b>Boas festas</b>
		<b>A escola</b>
		<b>O berço</b>
		<b>O tamanco</b>
		<b>Morta</b>
		<b>Protecção divina</b>
		<b>O calice de vinho</b>

**Quadro 1** - Relação de autores e títulos de textos contidos em *Contos Infantis*

Mediante análise dos aspectos temático-conteudísticos e estruturais-formais de todos os contos do livro assim como dos questionários que os acompanham, foi possível verificar suas principais características, as quais são sintetizadas a seguir.<sup>8</sup>

<sup>8</sup> Devido aos limites de extensão deste artigo, apresento aqui apenas uma síntese da análise detalhada de todos os contos e questionários, a qual se encontra em Stanislavski (2001).

Nos contos, observa-se a predominância de finalidade educativa e formativa. Por meio de narrativas de fatos e acontecimentos reais e simples, ensinam-se, de maneira menos ou mais explícita, valores morais e religiosos, dão-se conselhos e exemplos de vida e bom comportamento, para que as crianças os aprendam e os pratiquem. Esses ensinamentos indicam o modo pelo qual a criança deveria ver o mundo, de acordo com desejos e expectativas dos adultos.<sup>9</sup>

Para tanto, abordam-se nos contos temas, como: religião, coragem, obediência, medo, valentia, vingança, perdão, amor materno, amor paterno, amor ao próximo, saudade, tristeza, alegria, gratidão, orgulho, castigo, carinho, curiosidade, fraternidade, bondade, morte, bons hábitos, caridade, gula, humildade, inocência, ira, amizade, honestidade, estudo, cuidados com os animais e com a natureza.

Em alguns contos do livro, o discurso está em 3ª pessoa, indicando tratar-se da voz do adulto que se dirige à criança; em outros, o discurso está em 1ª pessoa, indicando tratar-se, ora da voz da criança, ora da voz de outros personagens antropomorfizados, em ambos os casos tornados protagonistas da história, mas sempre na condição de porta-vozes de um autor adulto.

Tem-se, predominantemente, porém, a presença de personagens crianças, cujos comportamentos, ou merecem punição e servem de exemplo a ser evitado, ou merecem elogios e servem de exemplo a ser imitado. A presença desses personagens visa a possibilitar a identificação por parte do leitor-criança, que deve aprender o comportamento desejado pelo adulto. A imagem de criança observável no livro é a de um ser em formação, que precisa do auxílio dos adultos, para mudar seu comportamento e ser bondosa, caridosa, obediente, amorosa, inteligente.

Os personagens que representam animais ou objetos inanimados são apresentados como seres que falam, ouvem, se movem e têm sentimentos, podendo até compreender os atos das crianças<sup>10</sup>, como se observa, por exemplo, nos contos: “O Passarinho”, “Biographia de uma aranha”, “O palhaço”, “D. Formiga” e “As flores do pecegueiro”.

Nos contos do livro, enfatiza-se, ainda, a importância de se falar corretamente de acordo com os padrões de linguagem culta valorizados à época. As histórias infantis

---

<sup>9</sup> Analisando a história da literatura infantil brasileira, Lajolo e Zilberman (1999) apontam a recorrente presença dessa característica em textos do gênero.

<sup>10</sup> Essa é também uma característica comum às histórias infantis, conforme aponta Meireles (1979).

deveriam, portanto, ser claras e corretas quanto à linguagem, para que as crianças aprendessem o comportamento lingüístico desejado.

Reafirmando a finalidade educativa e formativa dos contos, os questionários que os acompanham contêm perguntas que destacam, ora aspectos temáticos das histórias, ora aspectos relacionados com conteúdos de ensino específicos de determinadas matérias escolares, como, por exemplo: língua portuguesa, história, civismo.

Nos tópicos anteriores deste artigo, apresentei, de forma resumida, os resultados da análise de todos os aspectos constitutivos da configuração textual de *Contos Infantis*. Da inter-relação dessas características, por sua vez, foi possível formular uma tentativa de interpretação do sentido do livro, que exponho a seguir.

Ambas as autoras foram escritoras e, concomitantemente, educadoras, o que se pode afirmar mesmo não tendo sido localizadas, até o momento, informações a respeito da formação para o magistério, por parte de Julia Lopes de Almeida. Fato é que as marcas do ponto de vista de escritoras e de educadoras se fazem presentes, de maneira inter-relacionada, tanto no discurso contido no prólogo quanto no discurso dos narradores e personagens dos contos do livro analisado.

O ponto de vista de educadoras pode ser observado por meio das indicações da destinação do livro e da sua aprovação oficial para uso nas escolas, da tematização de sua finalidade educativa e formativa explicitada no prólogo e que se concretiza, implicitamente, sobretudo nos ensinamentos contidos nos contos e destacados nos questionários.

No entanto, tais ensinamentos não são apresentados como conteúdos de ensino<sup>11</sup> propriamente ditos, uma vez que o ponto de vista de escritoras, observável por meio das opções temático-conteudísticas e estruturais-formais, faz com que a aridez desses ensinamentos seja atenuada sobretudo pela imersão em narrativas em verso e prosa, as quais, para as crianças, são agradáveis, especialmente devido à presença de personagens infantis que se movimentam num universo que é familiar aos pequenos leitores (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999).

---

<sup>11</sup> Embora não tenha sido possível, até o momento, localizar programas oficiais para o ensino elementar utilizados à época, a leitura de bibliografia especializada assim como a análise dos contos do livro permitem inferir que não há preocupação das autoras em seguir rigidamente os conteúdos de ensino presumivelmente previstos nesse programas.

Na inter-relação desses ponto de vista encontra-se a busca de conciliação entre o *útil* — a preocupação com a educação e a formação da criança, em contexto escolar (característica de textos didáticos), que se manifesta no prólogo e se traduz nos temas e conteúdos dos contos, na moral neles expressa, nos questionários que os acompanham — e o *agradável* — a preocupação em propiciar prazer, deleitar e estimular a imaginação de seus leitores (característica da textos literários), por meio de textos integrais, em verso e prosa, os quais as autoras denominam de “contos”.

Esse possível sentido atribuído ao livro analisado, por um lado, vem confirmar sua representatividade em relação ao momento histórico em que foi escrito e no qual, de acordo com Arroyo (1968), tem-se o surgimento em nosso país, de uma “literatura escolar” escrita por brasileiros com finalidade de ensinar às nossas crianças valores morais e religiosos, de maneira agradável, como forma de reação a esse tipo de literatura produzida na Europa e que nos chegava por meio de adaptações e/ou traduções portuguesas, principalmente; dessa “literatura escolar” se origina a literatura infantil brasileira que se desenvolve e se consolida como gênero literário a partir da produção de Monteiro Lobato.

Por outro lado, esse sentido remete às considerações de Mortatti (2000b), de acordo com a qual, especialmente no caso da literatura infantil e juvenil brasileira, a busca de conciliação entre o útil e o agradável está diretamente relacionada com a condição de origem do gênero, de que decorre sua

[...] unidade múltipla constitutiva [...] — simultaneamente literário e didático —, a qual implica reconhecer que os termos *literatura* e *infantil* não se encontram em relação de oposição, mas de complementaridade, embora indiquem hierarquização semântica constitutiva de sua natureza: *substantivamente* literatura, cujo atributo qualificativo é *infantil*.” (MORTATTI, 2000b, p. 13-14).

Ainda segundo a autora, essa “unidade múltipla constitutiva” é uma característica presente nos textos do gênero até os dias atuais, e a

[...] construção da identidade específica [...] [do] campo de conhecimento [correspondente] demanda, portanto, uma atitude interdisciplinar, por parte dos pesquisadores interessados, sobretudo quando se entende que a tarefa primeira do pesquisador é explicar para compreender e, assim, contribuir para tomadas de decisão por parte de cidadãos interessados em

buscar soluções para os problemas culturais brasileiros. (MORTATTI, 2000b, p. 14).

Apesar de todas as dificuldades e desafios envolvidos no tipo de trabalho que me propus realizar, considero que os resultados aqui apresentados podem modestamente contribuir para a compreensão de um importante capítulo da história da literatura infantil no Brasil e dos problemas enfrentados pelos que se interessam em desenvolver pesquisas nesse campo de conhecimento assim como pode auxiliar na atuação de professores da educação infantil e do ensino fundamental, oferecendo-lhes oportunidades de conhecer novas maneiras para ler, ensinar a ler e abordar textos de literatura infantil na escola.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira*. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 1995.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999. (Série Fundamentos).

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. Como aperfeiçoar a literatura infantil. *Revista Brasileira (ABL)*, v. 7, n. 3, p. 146-169, 1943.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. Entre a literatura e o ensino: um balanço das tematizações brasileiras (e assisenses) sobre literatura infantil e juvenil. *Miscelânea*, Assis, v. 3, p. 247-257, 1998.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. 2. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1979.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. São Paulo: Saraiva, 1969a. v. 1.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. São Paulo: Saraiva, 1969b. v. 5.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Os sentidos da alfabetização* (São Paulo - 1876/1994). São Paulo: Ed. UNESP; Brasília: MEC/INEP/COMPED, 2000a.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Leitura crítica da literatura infantil. *Leitura: teoria & prática*, Porto Alegre, v. 36, p. 11-17, dez. 2000b.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Bibliografia brasileira básica sobre literatura infantil e juvenil*. Marília, 2001. (digitado).

VIEIRA, Adelina Lopes; ALMEIDA, Julia Lopes de. *Contos Infantis: em verso e prosa*. 9. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1913.

STANISLAVSKI, Cleila de Fátima Siqueira. *Uma leitura de “Contos infantis” (1886), de Adelina Lopes Vieira e Julia Lopes de Almeida*. 2001. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2001.

---

ARTGIO RECEBIDO EM 2002.